

## EM FRENESI

Fernanda Carvalho Silva<sup>3</sup>

Envelhecido, inquieto por dentro. Encolhido como um animal pronto a ser abatido. Sem coragem, coagido. Agachado no canto com um olhar perdido. Seu corpo formigava. Seus pés, suas mãos, suas pernas... Em frenesi. Tragava seu cigarro barato e esvoaçava a fumaça para cima do seu corpo. Saia pela boca, pelo nariz. Fugitiva, contaminante, corria com gente. O homem doce, sereno, gentil, agora, sentava-se escondendo de si, do seu dia, da tarde na noite. O tempo o perseguia. Alado, sedento. Colina acima. Como uma tempestade migrando no horizonte. Como um raio. Toando, assustando. Pegando de surpresa. Continuava ali. Perdendo-se mais. Tornando-se inimigo do mundo, dos amigos, da amizade, da vontade, da vida.

Não se comunicava mais, não ouvia. Não gostava de ouvir. Não sonhava. Confundia-se. Não sabia quem era aonde ia. Fez para si grades fortes, teoremas. Suprimia sua dor. A enjaulava como se faz com um animal feroz. Não o alimentava mais. O escondia do dia-a-dia. Criou sua natureza. Não a explorava. Era selvagem. Costuma falar sobre ser seletivo, exigente, anti-social. Não tinha assunto, era o assunto. Sumido, sem voz, escondido.

Gostou de estar junto certa vez. Próximo, aconchegava-se, respondia, perguntava, sorria, se entristecia, preocupava-se, via, tomava dores. Dividia e dividia-se. Foi comunidade, grupo, foi amigo, foi amor de alguém... Uniu-se, sonhou junto. Fez plano sobre amanhã, daqui a dias, anos... Sorriu e riu de si. Viveu como um rio, cheio de vida, navegando, explorando, com bandeira. Balançava-a, sentia o vento, a luz, molhou-se com a chuva, e secou-se com o sol. Brilhante, reluzente, trazia cores, trazia sons. Vida. Vitaminava-se, fortificava-se.

A vizinhança sempre ouvia - “Tenha um bom dia”, “Venha tomar um café aqui depois”. Ouvia pelas paredes. Gargalhando, amando, gemendo. Marcando encontros, brigando. Mas ouvia. Ouvia e via... Levando o lixo, varrendo a rua. Via bem vestido e mal vestido. Ouvia passos de dia, à noite, na madrugada. Recolhido mas acolhido. Familiar, filho, amigo, presente.

Quando menino... Custoso, sapeca, escorregava. Em casa, na escola, nas ruas. Arranhava-se... No joelho, no nariz. Fazia a mãe perder a cabeça. Perdia a cabeça do dedo.

---

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá; e-mail: carvalhofer@yahoo.com.

Voltava pra casa, banhava-se, ardia, cicatrizava. Noutra dia, revigorava-se, estava pronto de novo. E recomeçava. Amanhã, depois e depois.

Quando quase adulto saía. Não dizia para onde ia. Apanhava quando voltava. Mas mesmo assim ia, fazia, experimentava. E no final do dia ria sozinho, deitava, imaginava, relembra, sonhava. Ia de novo, e de novo. Era bom. Mergulhava. Era quente, era bom. Como sorvete em dia quente. Como água fria em dia de calor. Molhado, estranho, imperfeito, errava, acertava. Tentava, tentava. Repetia. Era bom.

Cresceu. Cresceu muito. Aprendeu cedo. Precipitou. Quis voltar. Não se preocupar. Era tarde. Lanchou antes. Era recreio. Ficou com fome. Faminto. Deixou passar. Não teve forças. Não estudou. Não o suficiente. Não teve profissão. Teve emprego. Pra se sustentar. Pra sobreviver. Não viver. Não acordava feliz. Não mais. Tinha horário. Patrão. Foi perseguido. Demitido. Chorou. Chorou muito. A noite toda. O ano todo. Foi cobrado. Foi humilhado. *-Oh Deus que está no céu!* Respirou fundo. Outro emprego e outro... E outro. Respirando fundo. Seguiu em frente.

Agora estava ali. Perdido. Acuado. Sem voz. Sem direção. Diziam que era bom moço, quieto, trabalhador. Na verdade não sabia quem era. Só continuava. Sozinho, sem rumo, fazendo, acontecendo, existindo.

Abraçou o mundo. O seu mundo. Esfumaçado, com bebida. Sentado, envelhecido, inquieto por dentro. Como um animal pronto a ser abatido, sem coragem, coagido. Agachado no canto com um olhar perdido. Seu corpo formigava. Seus pés, suas mãos, suas pernas... Em frenesi.